

TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS



ESTUDOS E PRÁTICAS DA EDUCAÇÃO

Maciel da Paixão Borges
Elizama Leite de Almeida Martins
(Orgs.)

TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS: ESTUDOS E PRÁTICAS DA EDUCAÇÃO

Maciel da Paixão Borges
Elizama Leite de Almeida Martins
(Organizadores)

TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS: ESTUDOS E PRÁTICAS DA EDUCAÇÃO

Edição 1

Belém-PA



2021

© 2021 Edição brasileira
by RFB Editora
© 2021 Texto
by Autor(es)
Todos os direitos reservados

RFB Editora
Home Page: www.rfbeditora.com
Email: adm@rfbeditora.com
WhatsApp: 91 98885-7730
CNPJ: 39.242.488/0001-07
Av. Augusto Montenegro, 4120 - Parque Verde, Belém - PA, 66635-110

Diagramação

Danilo Wothon Pereira da Silva

Design da capa

Priscila Rosy Borges de Souza

Imagens da capa

www.canva.com

Revisão de texto

Os autores

Bibliotecária

Janaina Karina Alves Trigo Ramos

Gerente editorial

Nazareno Da Luz

<https://doi.org/10.46898/rfb.9786558892588>

Catálogo na publicação

Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

T291

Tendências pedagógicas: estudos e práticas da educação / Maciel da Paixão Borges (Organizador), Elizama Leite de Almeida Martins (Organizadora) – Belém: RFB, 2021.

Livro em PDF

58 p.

ISBN: 978-65-5889-258-8

DOI: 10.46898/rfb.9786558892588

1. Educação. 2. Pedagogia. 3. Alfabetização. I. Borges, Maciel da Paixão (Organizador). II. Martins, Elizama Leite de Almeida (Organizadora). III. Título.

CDD 370

Índice para catálogo sistemático

I. Educação



Todo o conteúdo apresentado neste livro, inclusive correção ortográfica e gramatical, é de responsabilidade do(s) autor(es).

Obra sob o selo *Creative Commons*-Atribuição 4.0 Internacional. Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

Conselho Editorial

Prof. Dr. Ednilson Sergio Ramalho de Souza - UFOPA (Editor-Chefe)

Prof.^a Dr.^a. Roberta Modesto Braga-UFPA

Prof. Dr. Laecio Nobre de Macedo-UFMA

Prof. Dr. Rodolfo Maduro Almeida-UFOPA

Prof.^a Dr.^a. Ana Angelica Mathias Macedo-IFMA

Prof. Me. Francisco Robson Alves da Silva-IFPA

Prof.^a Dr.^a. Elizabeth Gomes Souza-UFPA

Prof.^a Dr.^a. Neuma Teixeira dos Santos-UFRA

Prof.^a Ma. Antônia Edna Silva dos Santos-UEPA

Prof. Dr. Carlos Erick Brito de Sousa-UFMA

Prof. Dr. Orlando José de Almeida Filho-UFSJ

Prof.^a Dr.^a. Isabella Macário Ferro Cavalcanti-UFPE

Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares-UFPI

Prof.^a Dr.^a. Welma Emidio da Silva-FIS

Comissão Científica

Prof. Dr. Laecio Nobre de Macedo-UFMA

Prof. Me. Darlan Tavares dos Santos-UFRJ

Prof. Dr. Rodolfo Maduro Almeida-UFOPA

Prof. Me. Francisco Pessoa de Paiva Júnior-IFMA

Prof.^a Dr.^a. Ana Angelica Mathias Macedo-IFMA

Prof. Me. Antonio Santana Sobrinho-IFCE

Prof.^a Dr.^a. Elizabeth Gomes Souza-UFPA

Prof. Me. Raphael Almeida Silva Soares-UNIVERSO-SG

Prof.^a Dr.^a. Andréa Krystina Vinente Guimarães-UFOPA

Prof.^a Ma. Luisa Helena Silva de Sousa-IFPA

Prof. Dr. Aldrin Vianna de Santana-UNIFAP

Prof. Me. Francisco Robson Alves da Silva-IFPA

Prof. Dr. Marcos Rogério Martins Costa-UnB

Prof. Me. Márcio Silveira Nascimento-IFAM

Prof.^a Dr.^a. Roberta Modesto Braga-UFPA

Prof. Me. Fernando Vieira da Cruz-Unicamp

Prof.^a Dr.^a. Neuma Teixeira dos Santos-UFRA

Prof. Me. Angel Pena Galvão-IFPA

Prof.^a Dr.^a. Dayse Marinho Martins-IEMA

Prof.^a Ma. Antônia Edna Silva dos Santos-UEPA

Prof.^a Dr.^a. Viviane Dal-Souto Frescura-UFSM


Prof. Dr. José Moraes Souto Filho-FIS

Prof.^a Ma. Luzia Almeida Couto-IFMT

Prof. Dr. Carlos Erick Brito de Sousa-UFMA

Prof.^a Ma. Ana Isabela Mafra-Univali

Prof. Me. Otávio Augusto de Moraes-UEMA



Prof. Dr. Antonio dos Santos Silva-UFPA
Prof^a. Dr. Renata Cristina Lopes Andrade-FURG
Prof. Dr. Daniel Tarciso Martins Pereira-UFAM
Prof^a. Dr^a. Tiffany Prokopp Hautrive-Unopar
Prof^a. Ma. Rayssa Feitoza Felix dos Santos-UFPE
Prof. Dr. Alfredo Cesar Antunes-UEPG
Prof. Dr. Vagne de Melo Oliveira-UFPE
Prof^a. Dr^a. Ilka Kassandra Pereira Belfort-Faculdade Laboro
Prof. Dr. Manoel dos Santos Costa-IEMA
Prof^a. Dr^a. Érima Maria de Amorim-UFPE
Prof. Me. Bruno Abilio da Silva Machado-FET
Prof^a. Dr^a. Laise de Holanda Cavalcanti Andrade-UFPE
Prof. Me. Saimon Lima de Britto-UFT
Prof. Dr. Orlando José de Almeida Filho-UFSJ
Prof^a. Ma. Patrícia Pato dos Santos-UEMS
Prof.^a Dr^a. Isabella Macário Ferro Cavalcanti-UFPE
Prof. Me. Alisson Junior dos Santos-UEMG
Prof. Dr. Fábio Lustosa Souza-IFMA
Prof. Me. Pedro Augusto Paula do Carmo-UNIP
Prof^a. Dr^a. Dayana Aparecida Marques de Oliveira Cruz-IFSP
Prof. Me. Alison Batista Vieira Silva Gouveia-UFG
Prof^a. Dr^a. Silvana Gonçalves Brito de Arruda-UFPE
Prof^a. Dr^a. Nairane da Silva Rosa-Leão-UFRPE
Prof^a. Ma. Adriana Barni Truccolo-UERGS
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares-UFPI
Prof. Me. Fernando Francisco Pereira-UEM
Prof^a. Dr^a. Cátia Rezende-UNIFEV
Prof^a. Dr^a. Katiane Pereira da Silva-UFRA
Prof. Dr. Antonio Thiago Madeira Beirão-UFRA
Prof^a. Ma. Dayse Centurion da Silva-UEMS
Prof.^a Dr^a. Welma Emidio da Silva-FIS
Prof^a. Ma. Elisângela Garcia Santos Rodrigues-UFPB
Prof^a. Dr^a. Thalita Thyrsa de Almeida Santa Rosa-Unimontes
Prof^a. Dr^a. Luci Mendes de Melo Bonini-FATEC Mogi das Cruzes
Prof^a. Ma. Francisca Elidivânia de Farias Camboim-UNIFIP
Prof. Dr. Clézio dos Santos-UFRRJ
Prof^a. Ma. Catiane Raquel Sousa Fernandes-UFPI
Prof^a. Dr^a. Raquel Silvano Almeida-Unespar
Prof^a. Ma. Marta Sofia Inácio Catarino-IPBeja
Prof. Me. Ciro Carlos Antunes-Unimontes

Nossa missão é a difusão do conhecimento gerado no âmbito acadêmico por meio da organização e da publicação de livros científicos de fácil acesso, de baixo custo financeiro e de alta qualidade!


Nossa inspiração é acreditar que a ampla divulgação do conhecimento científico pode mudar para melhor o mundo em que vivemos!

Equipe RFB Editora



SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| APRESENTAÇÃO | 9 |
| CAPÍTULO 1 | |
| JOGOS E BRINCADEIRAS: AS AÇÕES LÚDICO-PEDAGÓGICAS NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA | 11 |
| Adriana Ferreira da Silva Moraes | |
| Elaine Neves de Araújo | |
| Flavia Aparecida Barbosa | |
| Jessica de Lima Neves | |
| Sueli de Souza Santos | |
| Siméia dos Santos e Silva | |
| DOI: 10.46898/rfb.9786558892588.1 | |
| CAPÍTULO 2 | |
| O USO DAS TICS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: UM OLHAR PARA NOVOS MULTILETRAMENTOS | 19 |
| Juliana Reis Fonseca | |
| Kedma Soares de Souza | |
| Letícia Martins de Jesus | |
| Lucinéia Maria Viana | |
| Roseli Gonsalves de Campos Rosa | |
| Maria Aparecida da Silva Maciel | |
| DOI: 10.46898/rfb.9786558892588.2 | |
| CAPÍTULO 3 | |
| O PAPEL DO PEDAGOGO FRENTE O COMBATE AO FRACASSO ESCOLAR | 31 |
| Jessica de Lima Neves | |
| Ludimila Neres Costa Reis | |
| Omar Gonçalves Fortes | |
| Rosana Alves | |
| Larissa Carla Dorta de Oliveira | |
| Sara Gabriele Alves Monteiro | |
| DOI: 10.46898/rfb.9786558892588.3 | |
| CAPÍTULO 4 | |
| A MUSICALIDADE E ENSINO: UMA REFLEXÃO SOBRE O USO DE MÚSICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL | 41 |
| Elaine Neves de Araújo | |
| Flávia Aparecida Barbosa | |
| Francisco das Chagas Pereira de Sousa | |
| Juliana Reis Fonseca | |
| Rosea Maria Silva | |
| DOI: 10.46898/rfb.9786558892588.4 | |
| CAPÍTULO 5 | |
| OS RECURSOS TECNOLÓGICOS DIGITAIS OFERECIDOS PELA UNEMAT-BARRA DO BUGRES NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DA LICENCIATURA EM MATEMÁTICA..... | 49 |
| Aurinete Vieira Lima da Fonseca | |
| Francisco das Chagas Pereira de Sousa | |
| Selma Maria Silverio da Silva Cabral | |
| Zezito Gomes de Medeiros | |
| DOI: 10.46898/rfb.9786558892588.5 | |



| | |
|-----------------------|----|
| ÍNDICE REMISSIVO..... | 55 |
| SOBRE OS AUTORES..... | 56 |



APRESENTAÇÃO

O presente livro tem por seu objetivo explicar condições gerais sobre temas relevantes no cotidiano escolar e na formação de professores, sendo motivos de diversos debates desde o início de nossa caminhada como acadêmicos.

Desse modo, o livro foi dividido em cinco capítulos com abordagens distintas, pensados e escritos por professores que compõem o quadro da Educação Básica em nosso país, na qual abordam práticas de ensino voltadas a contextualização do ensino-aprendizagem, com situações concretas e aplicadas diariamente por eles em seus espaços educacionais.

Com isso, buscamos contribuir para a formação de licenciados, com atividades que nos fazem refletir o papel do professor frente a dificuldades, bem como situações geradoras de aprendizagem que podem ser trabalhadas no espaço escolar.

Além das reflexões apresentadas, foi necessário compreender a forma em que se apresentam e, para que servem, bem como onde e como estão inseridas no cotidiano escolar e as dificuldades enfrentadas por alunos e professores desde o princípio de sua formação.



CAPÍTULO 1

JOGOS E BRINCADEIRAS: AS AÇÕES LÚDICO-PEDAGÓGICAS NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Adriana Ferreira da Silva Moraes¹

Elaine Neves de Araújo²

Flavia Aparecida Barbosa³

Jessica de Lima Neves⁴

Sueli de Souza Santos⁵

Siméia dos Santos e Silva⁶

DOI: 10.46898/rfb.9786558892588.1

1 Graduada em Pedagogia – E-mail: moraesa920@gmail.com

2 Graduada em Pedagogia pela Unopar. E-mail: elaine88neves@gmail.com

3 Graduada em Pedagogia pela Unopar. E-mail: flaviabarbosamt@gmail.com

4 Graduada em Pedagogia. E-mail: pedagogajessica@hotmail.com

5 Graduada em Pedagogia – E-mail: jr.sududa@gmail.com

6 Graduada em Pedagogia – E-mail: simeia-s-santos@hotmail.com

RESUMO

Objetivamos com esse trabalho, apresentar ações e práticas pedagógicas que promovam no aluno um melhor desenvolvimento nas aptidões cognitivas, fortalecendo a aprendizagem e propiciando diversão de forma lúdica e vivenciada, de modo que estimule o raciocínio lógico, pela a criatividade, auxiliando assim as crianças no processo de construção do conhecimento. Para isso, consideraremos alguns princípios teóricos que permeiam nossa pesquisa, pautados em autores como BACHA (2002), BROUGÈRE (2003), MACEDO (1992), KISHIMOTO (2011), entre outros estudiosos que nos auxiliarão na elucidação da pesquisa.

PALAVRAS - CHAVE: Lúdico. Práticas Pedagógicas. Desenvolvimento.

INTRODUÇÃO

Dentro do contexto educacional, muito vem se destacando as ações pedagógicas em que utilizamos Jogos e as Brincadeiras, sobretudo nos Anos Iniciais. Esse trabalho pedagógico, tem como objetivo argumentar por meios dos textos e artigos sobre a prática educativa por meio da ludicidade, onde os jogos e as brincadeiras fazem parte de uma aprendizagem significativa nas ações pedagógicas adotadas pelos professores, que podem ser implementadas no planejamento do professor. Os profissionais da educação das séries iniciais das escolas públicas de ensino, podem utilizar elementos lúdicos para o contexto do planejamento escolar, como sendo uma proposta de ensino e aprendizagem, aproximando o aluno com o cotidiano obtendo maior experiência mediante a convivência.

Ao analisarmos no contexto escolar, onde o cotidiano dos professores é natural que as crianças adotem os brinquedos a partir dos primeiros anos de vida, onde no cotidiano a criança está mais interessada em conhecer, podendo utilizar a curiosidade como uma técnica para o saber. Para os educadores, além de estudos na área, é possível entender que a utilização dos jogos e brincadeiras como uma aprendizagem significativa na vida das crianças, aplicada de forma satisfatória pode promover o desenvolvimento psicológico e cognitivo, onde as atividades físicas também são implementadas gerando a sócio afetividade, também a compreensão de diversas situações geradas durante esta convivência entre os colegas. Da metodologia da pesquisa foi por meio da revisão bibliográfica onde forma analisados textos e artigos da internet referentes ao tema proposto nesse trabalho.

Os Jogos e Brincadeiras como fatores importantes no desenvolvimento da criança

Com reconhecimento da fase da infância na criança e suas particularidades, o jogo começa a ser introduzido na sala de aula. No entanto, durante o século XVI, esse lúdico ainda é muito ligado ao que está sendo descoberto da criança, ou seja, o que se acredita que o jogo representa no processo ensino-aprendizado ainda não é concreto.

Porém, é no século XVIII que essa relação entre o lúdico e o aprendizado da criança fica mais forte (BROUGERE, 2003). No entanto as escolas ainda acreditam que as brincadeiras são tão diabólicas quanto às crianças que as brincam, já que essas brincadeiras são próprias da infância e, por tanto, são vistas com o mesmo olhar que essas crianças nessa fase da vida (BACHA, 2002).

Essa atribuição negativa dada à criança, de um ser do mal, se dá pela associação do pecado original que, segundo a igreja, a criança traz consigo desde sua concepção.

Os jogos e as brincadeiras sempre fizeram parte no contexto educacional nos alunos, pois estão sempre motivo de alegria em qualquer tempo e lugar, em todas as épocas de diversas localidades no mundo inteiro. Os povos e estudiosos avaliam como sendo a principal razão de proporcionar alegria no viver, nisto sendo de grande importância para o desenvolvimento do ser humano nas etapas da vida em todas as formas de sociabilidade.

Até hoje os jogos e brinquedos estiveram presentes de forma participativa no desenvolvimento dos alunos, por esta razão que todo educador deve utilizar os brinquedos lúdicos para o desenvolver das atividades de sejam elas as brincadeiras, as poesias, as histórias, as músicas, os jogos..., como sendo um elemento catalisador para o processo de ensino-aprendizagem.

A postura lúdica sendo adotada para desenvolver o comportamento adequado para a formação do indivíduo, pode criar estruturas psicológicas e recreativas embasando com maior amplitude os conhecimentos das disciplinas durante todo o ensino básico ao superior, ajudando na construção de atividades psicomotoras para o pleno exercício na cidadania.

Kishimoto (2005) fala sobre a importância dos brinquedos e brincadeiras como indispensáveis em frente às situações imaginárias, pois só se desenvolve a imaginação quando se dispõe de experiências que trazem formas de organização e reor-

ganização. Por meio da brincadeira, de acordo com Kishimoto (2005), a criança re-produzirá seu alto discurso externo, fazendo internalizar construindo seu próprio pensamento.

Quando a criança está brincando ela movimenta-se indo em busca da utilização e do funcionamento como o objetivo de explorar novas perspectiva diante do que está ao seu alcance, como se fosse uma forma de comunicar-se com múltiplas linguagens nos diversos campos científicos que podemos conhecer.

Em parceria com o brincar o aluno pode fornecer informações e as possibilidades em relação a ação de brincar como um fator preponderante e motivacional onde a realidade vivida fora daquele espaço de brincadeira deixa de ser um quadrado para ela.

As regras podem ajudar a criar novas dimensões neste contexto, enriquecendo o pensamento de que tudo há um limite em todas as coisas que se faz, cabendo a realizar de um certo trabalho na perspectiva de a regra ajudará a desempenhar uma determinada função no futuro.

Logo, os jogos e brincadeiras não podem ser separadas como um contexto pedagógico ao ser implantada em um planejamento anual em seu conteúdo pedagógico de ensino, pois possibilitará uma melhor relação interpessoal com o aluno e com o seu próprio profissionalismo desempenhando uma função de coletividade, interação e integração entre professor e aluno.

O jogo, o brinquedo e também a brincadeira andaram sempre juntas desde o seu nascimento onde a ludicidade desempenha o desenvolvimento, e tendo o momento oportuno se encontra em transe para conhecer os elementos que compõe o jogo ou a brincadeira pois que r fazer parte dela como uma consequência de sua felicidade no momento da diversão.

Ao se utilizar os jogos no espaço escolar da educação infantil, deve-se tomar alguns cuidados, o professor não deve apenas aplicar o jogo no dia a dia da sala de aula, mas sim, mostrar qual papel o jogo desempenhará no desenvolvimento infantil. “Os que trabalham com a educação de crianças até 6 anos falam muitas vezes em jogo simbólico, sem, contudo, dar mostras de terem elaborado de um modo mais científico como ele ocorre e qual sua função no desenvolvimento humano. (OLIVEIRA, 2008, p. 230).

Alguns autores ou todos talvez acreditam que tem conceitos distintos entre jogo, brinquedo e brincadeira, onde (MIRANDA, 2001 p. 12) diz que o “lúdico abarca” todos eles. Segundo Macedo (1992, p. 1380), os “jogos que tem regras também abarcam em um mundo de muitos desafios”, como vencer o concorrente, conhecer

diversos sentimento onde aos poucos vai conhecendo seus nomes e suas funções como inveja, crítica, ciúmes, ajudar ao próximo, e outros que vão auxiliar no desenvolvimento social do indivíduo durante as brincadeiras.

A natureza humana precisa sentir segurança caso contrário pode provocar problemas na saúde, onde alguns casos muitos pais e professores não entendem certas circunstâncias, porém outros entendem devendo rever seu plano de aula.

Macedo (1992, p. 1380) vai valoriza o jogo destacando a importante atividade quanto as diferentes manifestações do ponto de vista afetivo, social, motor e moral, desempenhando de forma natural a inteligência da criança. Com isso, o pedagogo deve alinhar seu plano de aula as diversas forma de aprendizagem por meio dos jogos e brincadeiras, além disso precisa fazer com que a criança adapte ao mundo coletivo, onde possa construir diversos significados diante das teorias e conceitos que possam apresentar durante o jogo e o professor é quem comandará as estratégias de competitividade e de integração sendo o mediador nas atividades propostas em seu planejamento pedagógico.

O divertimento é um estimulador natural que proporciona na criança um desenvolvimento no pensar crítico podendo criar no imaginário as ocorrências encontradas como um discurso na tomada de soluções.

A realidade para a criança está condicionada ao divertimento por meio de jos, brinquedos e brincadeiras, nisto facilitando no entendimento de fatores sócias, afetivos e psicológicos na formação como ser vivo.

A integração social é indispensável a todos os seres humanos, que desde a infância deve ser embasada com o estudo sociológico e filosófico no contexto educacional vivido por diversas etapas que todos nós devemos passar involuntariamente ou consequentemente.

Todo ser tem uma cultura formada em si mesmo com seus paradigmas e conceitos implementados durante as circunstâncias da vida onde é preciso ter regras e respeito, além de outras condições instáveis e extáveis que aos poucos cada criança vai alto analisando qual a área de interesse em que vai descobrir e através das brincadeiras ela vai se familiarizando no conhecimento das profissões existente que um dia poderá escolher quando crescer.

O sentimento de liberdade ao descobrir que pode descobrir novas ideias, e com o passar dos anos as mudanças quanto à perspectiva sócio educativas vão tomando novas formas no limiar do agir na sociedade e, que aos poucos vão surgindo

novas sociedades ao entendimento do aluno, trabalhando com a criação de sua descoberta será sempre de forma inovadora, de um mundo onde nem sempre acontece como desejamos mas tem a existência da palavra chamada “escolhas” durante as fases de crescimento como ser humano possuidor de responsabilidades.

A ideia crítica vai sendo formada, mas embora surjam novas patologias pode comprometer o desenvolvimento, mas sempre contando com a ajuda de profissionais nas áreas como psicólogos, fonoaudiólogos, professores, médicos, quanto aos problemas que podem surgir durante o processo de aprendizagem do aluno.

Os jogos e as brincadeiras podem ajudar diversos profissionais no direcionamento com a construção como ser individual e social da criança e muitos são os pesquisadores há muito tempo vem se empenhando em demonstrar isso, além do quanto essa ferramenta pode ajudar na construção de um indivíduo mais feliz, bem-sucedido e realizado.

Com sabemos que a brincadeira pode contribuir para o desenvolvimento do ser social e individual da criança, estimulando a criatividade e a autonomia na resolução de problemas do cotidiano pelo contato direto na resolução e tomada de decisões que o brincar lhes oferece, de forma prática, cabe, agora, ao professor assumir seu papel de mediador entre diversão e aprendizado. Ninguém pode fazer aquilo que não se gosta, logo, o professor precisa, acima de tudo, sentir gosto pela brincadeira, e precisa conhecer o jogo na prática para se estabelecer uma relação de troca com os alunos.

O contato da criança com os jogos estabelece uma relação de confiança e amizade com aqueles que interagem onde o professor se torna o mediador assumindo uma postura de forma mais significativa quando há uma troca de informações com o pensamento criativo.

Ao fazer isso o professor estará permitindo que a criança aprenda coisas novas a partir do que ela já possui gerando novos conhecimentos, entre o primeiro e o segundo está o que Vygotsky chama de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), ou seja, a possibilidade a ela de agregar ao que já domina - nível de desenvolvimento real - habilidades capazes de lhe permitir resolver problemas com autonomia.

A criatividade vai decorrer diante a cada fase do nível de desenvolvimento onde aos poucos a criança vai percebendo o seu gosto pelos jogos e brincadeiras vai sendo aos poucos sendo menos importante durante a fase de crescimento.

Cada criança durante a fase de aprendizagem, onde o professor vai ver o que a criança já sabe, e aplicar o necessário oportunizando o estímulo para a aprendizagem. Sendo assim, é importante que o professor aplique no planejamento de ensino atividades que desenvolvam o sendo cognitivo por meio dos jogos e brincadeiras, pois é algo que fazem parte da vida por onde quer que for, sendo um complemento indicativo na interação com o mundo que o cerca, auxiliando no desenvolvimento psicomotor e social do aluno.

As diversas fases de crescimento estão sendo desenvolvidas em conjunto com os planos que o professor promove de tempo em tempo na sala de aula, interagindo com os colegas participando com os jogos e atividades propostas pelo professor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi de suma importância para a nossa formação acadêmica visando o melhor empenho quanto a elaboração de projetos de ensino integralizados, e de grande conformidade com as atividades que nas crianças podem discorrer durante as aulas.

Os jogos e as brincadeiras são importantes recursos de aprendizagem onde vai promover na criança novas descobertas, novos conceitos de tudo que está em sua volta, desenvolvendo nas crianças sentimentos de afetividade e interação, e o cognitivo sendo e afetivo mediante a mediação durante o ensino em sala de aula.

O professor é o mediador onde traz novas expectativas para o aluno, fazendo com que o aluno tenha o entusiasmo pela aprendizagem e neste trabalho foi de grande relevância ao entendermos que é possível utilizar os recursos pedagógicos durante a sala de aula para os alunos possibilitando melhor interação e desenvolvimento sócio educativo.

A Política Nacional de Educação tem contribuído para levar uma melhor qualidade de ensino aos estudantes brasileiros promovendo documentos importantes para ser integralizados no planejamento do professor, onde mostra as habilidades e objetivos de ensino dando o apoio necessário para a classe profissional educativa, com projetos e ações que podem ser desenvolvidas por meio de jogos e brincadeiras inseridos no planejamento e prática pedagógica.

REFERÊNCIAS

BACHA, M. N. **A arte de formar: o feminino, o infantil e o epistemológico**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BROUGÈRE, Giles. **Jogo e Educação**. Porto Alegre: Artmed, 2003

CHATEAU, Jean. **O jogo e a criança**. São Paulo: Summus, 1987.

Colégio Koelle. **Conheça a importância dos jogos e brincadeiras no Ensino Fundamental I**. Disponível em: <<https://www.colegiokoelle.com.br/blog/conheca-a-importancia-dos-jogos-e-brincadeiras-no-ensino-fundamental-i/>>. Acesso em: 08/10/2021

MACEDO, Lino de. **Para uma visão construtivista do erro no contexto escolar**. In: Coletânea de textos de Psicologia HEM/CEFAM, Vol. 1 Psicologia da Educação. São Paulo: Secretaria de Estado da Educação – Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas, 1992.

MALUF, A. M. **Brincar: prazer e aprendizado**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MIRANDA, Nicanor. **210 jogos infantis**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1990.

KISHIMOTO (2002,). **Educação Física e atividade lúdica: o papel da ludicidade no desenvolvimento psicomotor**. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Año 15, Nº 154, Marzo de 2011. Acesso em: 14 de Setembro de 2021

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. 4ª ed. São Paulo, 2008.

RONCHI, Genildo. **Atividades educacionais complementares**. Disponível em: <https://www.vitoria.es.gov.br/arquivos/20200430_educacao_especial.pdf>. Acesso em: 21 de Setembro de 2021

SANTANA, Emik Barbosa de. **Os Jogos e as Brincadeiras nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental na Escola Pública: Realidade da Prática Pedagógica**. <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/22811/1/2017_EmikBarbosaDeSantana_tcc.pdf>. Acesso em: 21 de Setembro de 2021

SEMED. Disponível em: VARGAS, Jamily Charão; ZAVELINSKI, Angélica Lopes. **Práticas Docentes no Ensino Fundamental: Reflexões Sobre o Brincar e o Estudar**. Revista Didática Sistêmica, v. 13, n. 2, 2011.

VARGAS, Jamily Charão; ZAVELINSKI, Angélica Lopes. **Práticas Docentes no Ensino Fundamental: Reflexões Sobre o Brincar e o Estudar**. Revista Didática Sistêmica, v. 13, n. 2, 2011.

CAPÍTULO 2

O USO DAS TICS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: UM OLHAR PARA NOVOS MULTILETRAMENTOS

Juliana Reis Fonseca¹

Kedma Soares de Souza²

Letícia Martins de Jesus³

Lucinéia Maria Viana⁴

Roseli Gonsalves de Campos Rosa⁵

Maria Aparecida da Silva Maciel⁶

DOI: 10.46898/rfb.9786558892588.2

¹ Graduada em Pedagogia pela Unopar. E-mail: jufonsecamt1984@gmail.com

² Graduada em Pedagogia. E-mail: kedmasoares31@gmail.com

³ Graduada em Pedagogia – E-mail: leticiamartins2015assari@gmail.com

⁴ Graduanda em pedagogia – E-mail: lucineiavianajk@gmail.com

⁵ Graduada em Pedagogia – E-mail: goncalvescamposrosa@gmail.com

⁶ Graduada em Pedagogia – E-mail: marrymaciel2017@gmail.com

RESUMO

Buscamos apresentar no texto algumas reflexões de que somente a alfabetização, no sentido do domínio das estruturas da língua, não garante a aprendizagem significativa do aluno com o intuito de que ele possa agir de maneira ética e crítica no mundo social, de modo que as ações de inclusão da tecnologia, sobretudo no mundo moderno, em que crianças com pouca idade conseguem desenvolver atividades, muitas das vezes sem a alfabetização concluída, sendo fator crucial para que possamos obter boas práticas pedagógicas através do uso das TICs. Portanto, há um importante elo entre alfabetização, letramento e tecnologia está na teoria dos multiletramentos (COPE; KALANTZIS, 2009; ROJO, 2009, 2013) que possibilita, aos alunos em processo de alfabetização, o contato com as práticas sociais da linguagem que estão no suporte da Internet.

Palavras - chave: TICs. Letramento. Prática social

INTRODUÇÃO

Por meio deste texto, é possível apresentar uma abordagem a respeito da importância das tecnologias da informação e da comunicação como facilitadora do processo de alfabetização e de letramento. A justificativa pela escolha dessa temática se deu ao perceber o quanto as tecnologias podem ser importantes ferramentas com o intuito de contribuir para uma aprendizagem mais significativa das crianças e dos adolescentes na atualidade. O objetivo principal desta Projeto de ensino é propor a reflexão sobre de que maneira as TICs podem contribuir para o processo de ensino e aprendizagem de alunos do ciclo de alfabetização.

Através das pesquisas científicas realizadas e das contribuições de diversos pensadores é possível perceber que se que as TICs podem contribuir de maneira significativa para o processo de alfabetização ao estarem apoiadas em abordagens que forneçam as ferramentas necessárias para que os alunos possam compreender e refletir de maneira crítica sobre as novas práticas de letramento que circulam em nossa sociedade nos diferentes suportes semióticos.

Assim, a teoria dos multiletramentos propõe a reflexão sobre possibilidades de trabalho com as práticas discursivas da linguagem no âmbito da alfabetização escolar, bem como a importância que a tecnologia possui para contribuir com o processo de ensino-aprendizagem.

Portanto, a temática abordada é de suma importância por oferecer um norte para que os educadores consigam realizar as mudanças necessárias para dar con-

tinuidade ao processo de alfabetização diante das exigências de um mundo globalizado e digital. Esse texto disponibiliza pesquisas que servem como suporte para que todos os participantes do espaço educativo possam refletir sobre soluções para se adaptarem ao novo cenário educativo da atualidade.

Alfabetização e letramento: algumas considerações iniciais

Segundo Magda Soares, alfabetização é a “[...] ação de ensinar a ler e a escrever” (SOARES, 2001, p. 47). Já o termo letramento é caracterizado como o “[...] estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce práticas sociais que usam a escrita” (SOARES, 2001, p. 47).

Para falar de alfabetização e de letramento, é fundamental que se fale com seriedade do trabalho da educadora Magda Soares, pois ela fundou, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 1990, o Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale), no qual a autora ainda permanece sendo pesquisadora e diretora emérita. Assim, Soares possui bastante bagagem e embasamento teórico para elucidar os assuntos de suma importância a respeito do uso das TICs no processo de alfabetização.

Há os que consideram que o objeto é o processo linguístico e cognitivo de aquisição da tecnologia da escrita – domínio dos sistemas alfabético e ortográfico de escrita, e das convenções que governam o uso desses sistemas. Por outro lado, há os que consideram que, sendo a finalidade da leitura e da escrita a construção de significados e sentidos dos materiais escritos que circulam em práticas socio-culturais, o objeto da aprendizagem da língua escrita é, desde o seu primeiro momento, a compreensão, na leitura, e a utilização, na escrita, de numerosos e variados gêneros e portadores de texto, vivenciados em diferentes contextos, visando a diferentes objetivos e a diferentes destinatários. Finalmente, há os que [...] consideram que o objeto da alfabetização é a língua escrita em sua inteireza, envolvendo todas as suas dimensões e componentes (SOARES, 2017, p. 133).

Os conceitos de alfabetização e de letramento são distintos e indissociáveis, pois alfabetização faz referência ao processo mediante no qual uma pessoa aprende a ler e a escrever, mas, nesse caso, pode não haver a compreensão e nem a contextualização do que está sendo lido ou escrito. Já letramento é o ato de ensinar em que engloba, ou melhor, socializa os usos da linguagem dentro de uma prática discursiva e dialógica.

Com isso, é possível concluir que alfabetização e letramento complementam um ao outro, pois, com a união dessas duas concepções de ensino difundidas no Brasil, o aluno será capaz de ter melhor domínio da língua com mais clareza, compreensão e criticidade.

Ainda de acordo com Magda Soares (2017):

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e de escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento. (SOARES, 2017, p. 44).

Sendo assim, é fundamental que seja considerado o ‘alfabetizar letrando’, dando significado e ênfase às práticas de aprendizagens, e que, através desse processo, venha trazer sentido às vivências dos alunos, bem como utilizar ferramentas que já são familiares a eles. Partindo desse pressuposto, Magda Soares afirma que: “[...] ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado” (SOARES, 2001, p. 47).

Segundo Cagliari, “a leitura é a extensão da escola na vida das pessoas. A maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido através da leitura fora da escola. A leitura é uma herança maior do que qualquer diploma” (CAGLIARI, 1997, p. 148).

Nesse sentido, o objetivo da escrita é a leitura, assim quem escreve, escreve para ler. Ensinar a ler e a escrever por meio de gêneros textuais relevantes socialmente faria com que essa tarefa ficasse muito mais prazerosa e contextualizada, e, ao mesmo tempo, estaríamos formando, além de crianças alfabetizadas, leitores assíduos, bons escritores e profissionais criativos, reflexivos e críticos, já que, segundo Morais: “[...] aprendizagem da leitura é um produto cultural, baseado sem dúvida em capacidades naturais, mas pressionado por aquilo que as famílias e as instituições educacionais oferecem à criança” (MORAIS, 1996, p. 201).

No entanto, diante da globalização e da era digital, as novas práticas de letramento precisam ser consideradas nesse processo para que os alunos possam também refletir sobre o seu papel de cidadão do mundo. Seguindo essa linha de pensamento, a interação e a comunicação são processos fundamentais para a formação do ser humano, que, desde a antiguidade, dialogava sobre as suas aventuras e as suas caças através de diversas figuras rupestres. Além disso, antigamente, era bastante comum realizar pesquisas nas bibliotecas e os alunos aprendiam a ler através das cartilhas, porém, atualmente, esse cenário mudou e a nova geração de alunos são considerados nativos da Internet, sendo que desde muito pequenos já manuseiam computadores, *tablets*, celulares, entre outros. Esses recursos tecnológicos podem

potencializar o aprendizado e têm grande relevância para o processo de ensino-aprendizagem.

Multiletramentos e a relevância das tics no processo de alfabetização

O ato de ler não significa apenas compreender e entender uma escrita, ele vai além ao estabelecer uma interação com o outro através das palavras. Dessa forma, um leitor crítico não é apenas um decifrador de sinais, mas aquele que se coloca em posição de travar um diálogo com o escritor, sendo capaz de construir o universo textual e produtivo à medida que refaz o percurso do autor, instituindo-se como sujeito do processo de ler. Nessa concepção de leitura, onde o leitor dialoga com o autor, a leitura torna-se uma atividade social de alcance político. Ao permitir a interação entre os indivíduos, a leitura não pode ser compreendida apenas como a decodificação de símbolos gráficos, mas como a leitura do mundo, que deve ser constituída de sujeitos capazes de compreender o mundo e nele atuar como cidadão. Freire afirma que:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 1992, p. 11-12).

Assim, esse tipo de leitura é muito mais do que um simples processo de apropriação de códigos linguísticos; a leitura crítica deve ser caracterizada como um estudo, pois se concretiza numa proposta pensada pelo ser no mundo dirigido ao outro.

De acordo com o livro *Alfabetização e Letramento* de Magda Soares (2001), o termo letramento ganhou maior visibilidade na tentativa de refletir sobre os problemas do analfabetismo, assim como o desenvolvimento cultural, social, político e econômico, trazendo novas, variadas e intensas práticas de escrita e de leitura que possibilitassem o acesso às práticas de linguagem de maneira mais crítica. Para essa autora, o letramento possui duas dimensões principais, que são elas: a social e a individual.

A dimensão social traz o letramento como um fenômeno cultural que se refere ao conjunto de atividades e demandas sociais que utilizam e envolvem o uso da língua em suas diferentes modalidades. Já a dimensão individual é um atributo pessoal que se refere a posse de habilidades individuais de escrita e de leitura, por exemplo.

Partindo desse pressuposto, pode-se compreender que, assim como fenômeno social, o letramento está presente na vida cotidiana das pessoas, sendo cada vez mais cercadas de informações por vários locais onde passam, seja em casa, nas ruas, nos mercados, nos ônibus, na escola e em diversos outros ambientes. Portanto, o letramento é fundamental para se obter a compreensão desse mundo, bem como possibilita uma atuação autônoma e crítica diante dele.

Assim sendo, com o surgimento de novos fenômenos sociais que envolvem o uso da língua, surgem diversas palavras para conceituá-los. E desse mesmo modo, aconteceu com a palavra letramento, que surgiu para especificar essa nova exigência social, a ação de escrever e ler o mundo, pois já não é suficiente uma simples codificação e decodificação das palavras/letras, é necessária uma ação muito mais profunda mediante ao sistema de escrita.

Pelo fato desse termo ser usado para conceituar uma nova demanda social das práticas de escrita e de leitura, diversas vezes se torna difícil formular uma exata definição de um imutável letramento. Mediante os pressupostos teóricos de Magda Soares, é possível dizer que é praticamente impossível formular um único conceito de letramento, que seja adequado para todas as pessoas, exatamente pela o fato de ser complexo, determinado pelo contexto social, político e cultural, assim como pelo tempo histórico. Seguindo essa linha de pensamento, é fundamental que a escrita e a leitura, dentro do espaço educativo, também possuam função social

No entanto, para que isso ocorra de maneira significativa, é importante que se rompa as barreiras do tradicionalismo, bem como com os métodos precários de ensino, passando a implementar e a utilizar novas técnicas e novos recursos para se alcançar o objetivo proposto, assim como afirmam os PCNs de Língua Portuguesa, “Quando entram na escola, os textos que circulam socialmente cumprem um papel modelizador, servindo como fonte de referência, repertório textual, suporte de atividade intertextual. A diversidade textual que existe fora da escola pode e deve estar a serviço da expansão do conhecimento letrado do aluno”. (BRASIL, 1997, p.34).

Enfim, é de suma importância que as instituições de ensino trabalhem de maneira eficaz na apropriação da língua escrita e oral, pois é por intermédio dessas modalidades que as pessoas desenvolvem diversos saberes para se comunicar, bem como conseguirem ter acesso às informações circulantes na sociedade atual, sendo críticos ao defender as suas opiniões e os seus pontos de vista.

O processo de alfabetização vem ganhando o apoio das tecnologias nas escolas através de atividades e de jogos digitais, contribuindo de maneira significativa para

que o aluno possa se apropriar do sistema de escrita e de leitura de forma dinâmica e interativa. A Base Nacional Comum Curricular, salienta a importância da tecnologia como instrumento de aprendizagem.

Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos (BRASIL, 2018, p. 63).

A alfabetização da atualidade não se utiliza somente do lápis, da lousa, dos cadernos etc., mas divide espaço com computadores, smartphones, *tablets*, entre outros. A esse processo damos o nome de letramento digital, que surge com o propósito de ensinar os educandos a utilizarem as tecnologias de forma construtiva e ativa em sua aprendizagem. Observe o que salienta Frade:

[...] a criança precisa e pode dominar diferentes técnicas relacionadas ao que se chama de usabilidade: aprender a lidar com as ferramentas do sistema para ligar a máquina; compreender o teclado, seus símbolos e a função de cada tecla para além de digitar as letras; operar com a tela, interagir com ícones, localizar programas, manusear o mouse de adulto com suas mãos pequenas (sabendo que ele tem mais de uma função), arrastar, clicar e desenvolver operações cognitivas que permitam memorizar e internalizar tais operações (FRADE, 2014. p. 26).

A teoria dos multiletramentos surge para justificar o uso das tecnologias na alfabetização, sendo que tal abordagem possibilita o acesso dos alunos às TICs, facilitando o seu processo de alfabetização, que vai muito além da ludicidade, do dinamismo e da mediação, possibilitando o desenvolvimento de habilidades para as novas práticas de letramento, os novos gêneros que circulam no ambiente virtual, com o intuito de que os alunos sejam capazes de desvelar os valores e as ideologias presentes nesses discursos.

Assim, o conceito de letramento amplia-se e junto a essa ampliação vem a ação de intervir e de interagir para além do ato de interpretar, dessa forma, os alunos utilizam-se das suas práticas de leitura e de escrita no convívio social mediante a interação como intervenção.

Segundo Almeida:

[...] a participação apenas como uma questão de acesso físico individual à tecnologia é equivocada. O problema da participação traz à tona o complexo problema relacionado à formação discursiva da vontade. Que diz respeito, também, a uma política favorável ao desenvolvimento do potencial discursivo (ALMEIDA, 2003, p. 214).

A teoria dos multiletramento é primordial para possibilitar a capacitação dos alunos no que se refere às diversas novas exigências sociais de escrita e de leitura.

A abordagem dos multiletramentos propõe uma pedagogia para a participação ativa do cidadão, centrada nos alunos como agentes de seus próprios processos de conhecimento, capazes de contribuir por conta própria, bem como negociar as diferenças entre uma comunidade e a próxima (COPE; KALANTZIS, 2009, p.172)

Como afirma Rojo (2009), os letramentos múltiplos são considerados complexos e muitas vezes ambíguos, pois, através deles, é possível envolver questões a respeito da multimodalidade e multisssemiose da língua, dando origem a práticas de multiplicidade de letramentos que estão inseridos em esferas diferentes da multiculturalidade da sociedade, ou seja, pelo fato de que essas práticas são vivenciadas de modo diferente, dependendo do local cultural. Em outras palavras, existem várias maneiras e possibilidades de realização de práticas de letramentos que variam de acordo com o espaço, o tempo, a cultura, o suporte, as ferramentas etc.

Desse modo, uma mesma prática pode variar de acordo com onde, como e quem está realizando, como por exemplo: ao realizar a leitura de um jornal, algumas pessoas podem achar que serve para se obter informações sobre cultura, política, economia etc.; já, para outras pessoas, pode ser apenas uma maneira de passar o tempo, lendo notícias de celebridades, e, para outros, pode ser uma maneira de encontrar uma vaga de emprego ou um aluguel.

Portanto, as práticas de letramento são as mesmas, mas se apresentam com objetivos e maneiras diferentes. Nesse sentido, pode-se entender que os multiletramentos surgiram a partir da necessidade de se cumprir as novas exigências no que se refere às práticas de escrita e de leitura na sociedade atual.

Esses “novos escritos” obviamente dão lugar a novos gêneros discursivos, quase diariamente: *chats*, páginas, *twits*, *posts*, *ezines*, *epulps*, *fanclips* etc. E isso se dá porque hoje dispomos de novas tecnologias e ferramentas de “leitura-escrita”, que, convocando novos letramentos, configuram os enunciados/textos em sua multisssemiose ou em sua multiplicidade de modos de significar (ROJO, 2013, p. 20-21).

O uso das TICs tem aumentado significativamente no ambiente escolar. De acordo com a LDB/96, esse uso deve estar atrelado à função do objetivo maior do Ensino Fundamental que é o de propiciar, a todos, a formação básica para a cidadania a partir da criação de condições de aprendizagem nas escolas para “a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade” (Brasil, 1996, art. 32). De acordo com Almeida:

O que as TICs podem trazer com contribuição efetiva à evolução do letramento é o emprego das múltiplas linguagens hipermidiáticas para a representação do próprio pensamento associado com a recuperação instantânea e a leitura de textos e hipertextos produzidos por si mesmo ou pelo outro, para o diálogo de ideias, a reconstrução do pensamento a partir do pensamento explicitado pelo

outro, a análise da própria representação com a possibilidade de reelaboração. Emerge uma nova concepção do erro como objeto de análise, revisão e reformulação, cuja compreensão pode levar à evolução e a à aprendizagem (ALMEIDA, 2005, p.183-184).

Para mais, a tecnologia na escola é também uma aliada para a inclusão, ou seja, as crianças com necessidades educativas especiais possuem diversas alternativas que os recursos tecnológicos podem auxiliar e facilitar no aprendizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto teve como objetivo discutir aspectos que envolvem o trabalho com as tecnologias digitais no processo educacional de multiletramento de alunos na fase de alfabetização. Os pressupostos teóricos foram de suma importância para elucidar as informações aqui relatadas, trazendo embasamento teórico que contribui significativamente para se obter o conhecimento esperado a respeito da temática abordada, demonstrando que as condicionantes e os problemas sobre a alfabetização e o letramento proporcionam uma reflexão e auxiliam na elaboração de considerações próprias.

Nesse sentido pode-se concluir que este trabalho é essencial a educadores que buscam se aprofundar nos conhecimentos de autores fundantes para aprimorar os seus conhecimentos, adaptando a tecnologia às práticas de alfabetização e de letramento.

O texto traz a reflexão de que somente a alfabetização, no sentido do domínio das estruturas da língua, não garante a aprendizagem significativa do aluno com o intuito de que ele possa agir de maneira ética e crítica no mundo social. Portanto, pode-se concluir que o elo entre alfabetização, letramento e tecnologia está na teoria dos multiletramentos (COPE; KALANTZIS, 2009; ROJO, 2009, 2013) que possibilita, aos alunos em processo de alfabetização, o contato com as práticas sociais da linguagem que estão no suporte da Internet.

Além disso, a utilização das TICs permite uma nova forma de aprendizagem mais estimulante, dinâmica, criativa e interativa. Com isso, as aulas se tornam mais produtivas e os alunos ficam mais envolvidos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth B. Educação, ambientes virtuais e interatividade. In: SILVA, Marcos. (Org.). **Educação online**. São Paulo: Loyola, 2003.

_____. Letramento digital e hipertexto: contribuições à educação. In: SCHLUNZEN JUNIOR, Klaus. (Org.). **Inclusão digital**: tecendo redes afetivas/cognitivas. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

AUSUBEL, David Paul. et al. **Educational Psychology: A Cognitive View**. New York: Holt Rinehart and Winston, 1978.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei Federal N° 9.394 de 20 de dezembro de 1996 estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

_____. **Parâmetros curriculares Nacionais. Ensino Fundamental**: Língua Portuguesa. Brasília. MEC/SEF. 1997.

_____. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>>.

_____. **Portaria N° 617, de 3 de agosto de 2020**. Brasília: MEC, 2020. Disponível em <<https://abmes.org.br/arquivos/legislacoes/Portaria-mec-617-2020-08-03.pdf>>. Acesso em:

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 1997.

CERVO, Amado L; BERVIAN, Pedro A.; DA SILVA, Roberto. **Metodologia científica**. 6 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

COPE, Bill; KALANTZIS, Mary. Multiliteracies: New Literacies, New Learning, Pedagogies. In: **An International Journal**, v. 4, n. 3. London: jul. 2009, p. 164-195. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15544800903076044>>.

FONSECA, Vitor da. **Cognição, neuropsicologia e aprendizagem**: abordagem neuropsicológica e psicopedagógica. Petrópolis: Vozes; 2008.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que completam. São Paulo: Cortez, 1992.

KENSKI, Vania Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. 2. ed. São Paulo: Papirus, 2004.

_____. **Educação e tecnologias**. 2 ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.

MORAIS, José. **A arte de ler**. São Paulo: UESP, 1996.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. Gêneros discursivos do círculo de Bakhtin e multiletramentos. In: ROJO, Roxane. (org.). **Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs**. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2013.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema de três gêneros**. 2º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. **Alfabetização e letramento**. 7 ed. São Paulo. Contexto, 2017. E-book.

SOUZA JÚNIOR, Marcílio. **A constituição dos saberes escolares na educação básica**. 2007. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2007.

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Teresa. **Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista**. Porto Alegre: Artmed, 2003.



CAPÍTULO 3

O PAPEL DO PEDAGOGO FRENTE O COMBATE AO FRACASSO ESCOLAR

Jessica de Lima Neves¹

Ludimila Neres Costa Reis²

Omar Gonçalves Fortes³

Rosana Alves⁴

Larissa Carla Dorta de Oliveira⁵

Sara Gabriele Alves Monteiro⁶

DOI: 10.46898/rfb.9786558892588.3

1 Graduada em Pedagogia. E-mail: pedagogajessica@hotmail.com

2 Graduada em Pedagogia. E-mail: myllacosta@gmail.com

3 Graduada em Pedagogia. E-mail: macielpaixao.mpb@gmail.com

4 Graduada em Pedagogia. E-mail: rosanaalvesem@hotmail.com

5 Graduada em Pedagogia. E-mail: larissadorta81@gmail.com

6 Graduada em Pedagogia. E-mail: saragabrit@gmail.com

RESUMO

Buscamos desenvolver uma reflexão sobre pontos críticos que permeiam com um tema bastante atual, pois como a educação tem sofrido no decorrer dos anos uma inversão de valores, ele irá demonstrar que todos devem participar para que haja paz no âmbito escolar. Dentro da perspectiva deste projeto é possível que se possa compreender algumas questões importantíssimas que são elas: como lidar com alunos agressivos? Quais são as maiores causas de indisciplinas no âmbito escolar? O que contribui para o crescimento destes abusos causados pelos alunos? Portanto é necessário que se faça uma reflexão para identificar as respostas para essa problemática e que se possa amenizar ou solucionar na melhor maneira possível. Assim, pautamos nossas pesquisas em Documentos de Referências Nacionais e teóricos como Freire (1997) Fante (2005) Piaget (1975), entre outros.

Palavras - Chave: Fracasso Escolar. Desenvolvimento cognitivo. Evasão.

INTRODUÇÃO

Atualmente os educadores sofrem com o desafio da indisciplina dentro das instituições de ensino, alguns dos alunos, acabam por não terem disciplina, desenvolvendo atitudes de desrespeitos e até agressões verbais e físicas cometidas contra os seus colegas de sala e professores. Alguns fatores contribuem para que haja evasão no espaço educativo, existem problemas socioeconômicos, problemas de discriminação, Bullying e também a indisciplina que é cometida no decorrer dos anos.

O texto tem por problematização o seguinte questionamento: Quais são as causas de evasão escolar e porque há tanta indisciplina nos espaços educativos? Alguns pais se julgam ocupados demais com os afazeres diários, e não se sentem obrigados a participarem da educação dos filhos na escola, dessa forma não só os seus filhos são prejudicados, pois a partir do momento em que eles se sentem solitários e perdidos dentro do espaço escolar, desenvolvem atitudes violentas e desrespeitosas na intenção de se protegerem ou até mesmo de chamarem atenção dos pais, como também os pais são prejudicados, quando os filhos sofrem advertências no espaço educativo, através das atitudes indisciplinadas dos alunos, não só eles sofrem as consequências, mas todas as pessoas que convivem no seu círculo social.

A justificativa para a escolha dessa temática é trazer um maior entendimento sobre alguns fatores que contribuem para o índice de evasão no espaço educativo, bem como compreender algumas ações e estratégias que podem diminuir ou erradicar a evasão escolar. Dentre alguns destes aspectos estão questões que envolvem a

participação da família no processo de ensino e aprendizagem dos filhos, e também um fator bastante importante para diminuir os casos de indisciplina.

Neste sentido pode-se afirmar que este trabalho voltado para a indisciplina e evasão escolar, no entanto é fundamental o estudo para demonstrar que os educadores precisam saber lidar com vários tipos de situações de indisciplina para que possam desenvolver métodos, para combater o desrespeito dentro do ambiente escolar, transmitindo para os pais, o texto também aborda a importância da afetividade tanto no âmbito escolar quando da família para se evitar que alunos saiam do espaço educativo e fiquem sem condições de buscar uma melhoria para seu crescimento intelectual e também para seu futuro profissional .

Dificultando o crescimento intelectual por causa da indisciplina

É importante que o pai reconheça as necessidades especiais dos seus filhos, e tenha um olhar a tempo para sempre trabalhar em conjunto com o professor, e não deixar que a situação possa chegar a um estado crítico, ou seja, é importante participação constante entre o educador, a família e o Aluno.

Neste sentido o respeito que a família dá para o papel desenvolvido pela escola, é algo que contagia o ambiente familiar, pois ele demonstra que o educador tem o papel de transmitir os conhecimentos e assim fazer com que o seu filho venha crescer intelectualmente e como um cidadão de bem.

É de suma importância que se repense na educação que é dada aos filhos dentro dos lares, pois com valores distorcidos como os da atualidade, os educadores têm tido muito trabalho para educá-los da maneira correta. Sobre esse assunto, Lisboa (2006, p. 55) se manifesta, em linguagem contundente, afirmando:

Eis como você cria uma criança violenta: ignore-a, humilhe-a e provoque-a. Grite um bocado. Mostre sua desaprovação a tudo o que ela fizer. Encoraje-a a brigar com irmãos e irmãs. Brigue bastante, especialmente no sentido físico, com seu parceiro conjugal na frente da criança. Bata-lhe bastante. Eu adicionaria: ameace-a, castigue-a, engane-a, minta-lhe, seja permissivo, ensine-a que o mundo é dos 'vivos', vangloriando-se diante dela de atos dos quais deveria se envergonhar (...).

Neste contexto, deve ser ressaltado que uma educação baseada na falta de respeito, provoca desde pequeno, que a criança cresça e se torne um adulto que não respeita o seu próximo, e pratique também as mesmas atitudes incorretas praticadas pelos seus pais. Este autor relaciona o egocentrismo infantil com o comportamento moral da criança:

O egocentrismo infantil, longe de constituir um comportamento anti-social, segue sempre ao lado do constrangimento adulto. O egocentrismo só é pré-social

em relação à cooperação. É preciso distinguir, em todos os domínios, dois tipos de relações sociais: a coação e a cooperação, a primeira implicando um elemento de respeito unilateral, de autoridade, de prestígio; a segunda uma simples troca entre indivíduos iguais. [...] A coação alia-se ao egocentrismo infantil: é por isso que a criança não pode estabelecer um contato verdadeiramente recíproco com o adulto, porque fica fechada no seu eu. [...] No tocante às regras morais, a criança intencionalmente se submete, mais ou menos por completo, às regras prescritas. Mas estas, permanecendo, de qualquer forma, exteriores à consciência do indivíduo, não transformam verdadeiramente seu comportamento. É por isso que a criança considera a regra como sagrada, embora não a praticando na realidade. (PIAGET, 1997, p. 53)

A autora Fante (2005) explica, em sua obra, que existem alguns fatores que podem desencadear a manifestação de comportamentos agressivos no ambiente escolar, que são: fatores internos que dizem respeito ao clima escolar, relações interpessoais e características individuais, e fatores externos que englobam o contexto social, meios de comunicação e família. Ainda a respeito dessas características que muitas vezes fazem parte do cotidiano das crianças vemos a importância de intervenções para se diminuir atitudes agressivas.

Alguns estudos como Ormeño (2004), Silva e Del Prette (2003), Silva (2006) e Luizzi (2006) demonstraram que uma das formas de mudar o comportamento agressivo das crianças é por meio de intervenções salientando um modelo positivo, de respeito e relacionamento afetuosos com as crianças, contrapondo-se às maneiras de se lidar com a agressão através de sanções ou punições de forma coercitiva no relacionamento professor-aluno.

As crianças que são agressivas com seus colegas são rapidamente rejeitadas, e os colegas passam a se comportar de maneira desconfiada, aumentando a probabilidade de reações agressivas, o que só é agravado com o manejo comportamental afetivo dos professores, que pouco encorajam os comportamentos positivos da criança, e punem excessivamente os comportamentos tidos como “indesejáveis”, podendo até expulsá-la da sala de aula.

Isto pode ocorrer porque crianças desobedientes e com comportamentos “indesejáveis” desenvolvem relacionamentos pobres com os professores e consequentemente, recebem menos suporte dos mesmos. (SILVA e DEL PRETTE 2003, p. 96).

Indisciplina e a família

O primeiro contato com o que é certo ou errado e com a educação a criança terá sob os cuidados de sua família, é óbvio. Porém, ainda hoje existem responsáveis que acreditam que toda a educação de seu filho deverá ser trabalho da escola, desde

as coisas mais simples como o conhecimento de um “Obrigado!” Até os cálculos mais difíceis da geometria.

E esse pensamento, digamos egoísta e pequeno, torna a indisciplina um fator comum e diário. Pois se criança não foi ensinada a respeitar os próprios pais, por qual motivo ela respeitará um professor desconhecido anos mais tarde. Para De La Taille (1994, p.120) “se desde cedo a criança aprende que há limites a serem respeitados, aos poucos ela própria vai compreendendo que as regras são como contratos estipulados para que todas as partes sejam beneficiadas”.

O professor é a maior e melhor ferramenta de acréscimo intelectual na vida de um estudante durante todo o seu ciclo educacional, por esse motivo, o professor precisa saber lidar com cada aluno de maneira saudável e inteligente, assim como foi dito anteriormente. Segundo Paulo Freire (1996, p.96)

[...] o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma ‘cantiga de ninar’. Seus alunos cansam não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas.

E ainda na linha do pensamento de Para Freire (1996, p.73):

O professor autoritário, o professor licenciado, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca.

Porém, nem sempre essa marca deixada será boa. Mas com experiência, reflexão e alguns modos, são possíveis sim alcançar tal feito fazendo com que anos mais tarde tal aluno lembre-se de você não como um professor, rancoroso, mas como alguém que o ensinou com amor e o ajudou a perceber e corrigir suas indisciplinas ainda na infância.

De acordo com Lopes (2005, p.45) diz que manter a disciplina é uma arte que poucos educadores dominam e que o autoritarismo, os gritos e o “já para a direção” não funcionam mais. Sendo assim, diante de alunos cada vez mais indisciplinados, muitos professores não sabem que estratégias de prevenção e/ou intervenção podem tomar frente a tal problemática.

Dessa maneira, foram selecionados abaixo alguns métodos alternativos que tem como objetivo a prevenção à indisciplina em sala de aula, segundo Vasconcellos. Inicialmente ele propõe a construção de uma postura comum entre educandos e educadores estabelecendo algumas regras na escola (o que não pode o que pode etc.).

Segundo o autor é interessante que haja atividades diversificadas para que haja uma maior concentração e envolvimento do aluno nas atividades propostas pelo professor do que permanecer sentado durante 4 a 5 horas ouvindo apenas o professor lecionando como se dessa maneira os alunos fossem ficar milagrosamente quietos. É necessário que seja feita atividades nas quais eles possam se divertir, mas também aprender.

Jogos na educação: um aliado para combater indisciplina

Os jogos são aliados para combater a indisciplina e promover um ambiente agradável entre os alunos e educadores.

De acordo com o RCNEI:

Nas brincadeiras e jogos espontâneos a conversa também costuma estar presente. Ao lado desses momentos, é recomendável que o professor acolha as conversas também durante as atividades mais sistematizadas, tal como a realização de uma colagem, de um desenho, a redação de um texto ou leitura de um livro. Compartilhar com o outro suas dúvidas, expressar suas ansiedades, comunicar suas descobertas, são ações que favorecem a aprendizagem. A cooperação consolida-se como interação possível nesta faixa etária. Pode ser desenvolvida por meio de atividades em grupo em que cada criança desempenha um papel ou tarefa para a realização de um objetivo comum. O adulto pode auxiliar na distribuição das funções, mas o interessante é que as crianças adquiram progressiva autonomia para fazê-lo. Paralelamente a esse processo de divisão de tarefas para a integração em torno de um objetivo comum, as crianças desenvolvem o sentimento de pertencer a um grupo. Cuidar das relações que se criam entre os vários elementos que compõem o grupo deve ser uma preocupação do professor. (RCNEI, p.43, 1998)

De acordo com uma das definições de Huizinga (1999, p.33) para o fenômeno do jogo:

O jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentido de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da “vida cotidiana”.

Ao tratarmos de jogos cooperativos, fazemos com que os alunos se divertem e se socializem, combatendo assim as agressões e a indisciplina. Pode-se dizer que a vantagem dos jogos cooperativos, é a participação de todos de forma que todos vençam e se divertem. Elas brincam uns com os outros ao invés de contra, eliminando o medo e a sensação de fracasso entre o grupo. Assim, os jogadores adquirem disciplina e reafirma a confiança despertando um valor em si mesmo como uma pessoa aceitável e digna (ORLICK, 1978).

Para Brotto (1999) é necessário que o ser humano aprenda a conviver em sociedade para aperfeiçoamento de suas habilidades. Desta forma, utilizam-se os jogos cooperativos como exercício de convivência, fazendo do jogo um meio extremamente rico para o desenvolvimento pessoal e social do indivíduo, ainda assim apresentadas separadamente estas categorias estão correlacionadas e normalmente em uma mesma situação imposta pelo educador mais de uma categoria pode estar presente (BROTTO, 1999).

Jogos cooperativos

No Brasil cada vez mais os jogos cooperativos estão sendo conhecidos, como um meio de melhorar as relações humanas em adultos, crianças, adolescentes e idosos (MARINHO et al., 2007). Os jogos cooperativos são ótimas ferramentas para serem utilizados em aulas de Educação Física, por meio destes muitos valores surgem em situações que envolvam a cooperação fazendo assim com que estas atividades se tornem importantes na formação do indivíduo enquanto pessoa e cidadão (SOLER, 2006). Para Brotto (1999) o ser humano necessita aperfeiçoar suas habilidades de se relacionar e aprender a viver uns com os outros ao invés de um contra os outros. De acordo com o PCNs:

Nos jogos, ao interagirem com os adversários, os alunos podem desenvolver o respeito mútuo, buscando participar de forma leal e não violenta. Confrontar-se com o resultado de um jogo e com a presença de um árbitro permitem a vivência e o desenvolvimento da capacidade de julgamento de justiça (e de injustiça). Principalmente nos jogos, em que é fundamental que se trabalhe em equipe, a solidariedade pode ser exercida e valorizada. Em relação à postura diante do adversário podem-se desenvolver atitudes de solidariedade e dignidade, nos momentos em que, por exemplo, quem ganha é capaz de não provocar e não humilhar, e quem perde pode reconhecer a vitória dos outros sem se sentir humilhado. (PCNs, 1998)

Os parâmetros curriculares nacionais descrevem que os jogos cooperativos e recreativos podem ser utilizados à cooperação e aceitação das funções atribuídas dentro do trabalho em equipe, o qual proporciona ao aluno, respeito ao limite pessoal e ao limite do outro, respeito à integridade física e moral do outro e a predisposição em cooperar com o colega ou grupo nas situações de aprendizagem (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1998). De acordo com MENDES, PAIANO e FILGUEIRAS (2009), tiveram como objetivo verificar se os jogos cooperativos podem influenciar positivamente nas atitudes e no relacionamento de crianças do Ensino Fundamental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao escrever essas análises, foi possível chegar ao entendimento de que os profissionais da área da educação vêm enfrentando muitos problemas, no que se refere à indisciplina escolar. Portanto, através das pesquisas realizadas foi possível entender que é muito importante às relações de afetividade e harmonia devem ser inseridas no espaço educativo, no trabalho entre professores e alunos para promover um ambiente harmonioso em sala de aula.

O trabalho trouxe uma maior compreensão da importância dos pais, participarem da educação dos filhos e sempre ressaltar no ambiente familiar o respeito que os filhos devem ter com seus educadores e colegas de sala de aula. O embasamento teórico trouxe um aprendizado importantíssimo para a minha carreira profissional, pois demonstrou que os educadores sempre teremos desafios a serem enfrentados, e devem ser criativos para elaborar propostas pedagógicas diferenciadas, para trabalhar de maneira harmônica no espaço educativo.

REFERÊNCIAS

- FANTE, C. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Campinas: Verus, 2005.
- FREIRE, J. B. **Educação de Corpo Inteiro – teoria e prática da Educação Física**. São Paulo: Scipione, 1997.
- FREIRE, J. B. **O jogo entre o riso e o choro**. Campinas, SP: Autores associados, 2002.
- FREIRE, J. B. **Da escola para a vida**. In: VENÂNCIO, S; FREIRE, J. B. (orgs.) **O jogo dentro e fora da escola**. Campinas, SP: Autores associados, 2005, p. 3-26.
- HUIZINGA, J. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- KISHIMOTO, T. M. **O jogo e a Educação Infantil**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1994.
- LISBOA, A.M.J. **A Primeira Infância e as raízes da Violência**. Brasília: LGE Editora, 2006.
- ORMEÑO, G.I.R. **Intervenção com crianças pré-escolares agressivas: suporte à escola e à família em ambiente natural**. 2004. 88f. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, SP, 2004.
- PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

PRODÓCIMO, E. et al. **Jogo e emoções: implicações nas aulas de Educação Física Escolar**, Motriz, Rio Claro, v.13 n.2 p.128-136, abr./jun. 2007.

SILVA, A.T.B.; DEL PRETTE, A. **Problemas de comportamento: um panorama da área**. Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva. ABPMC – Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental, São Paulo, v.5, n.2, p. 91-103, julho/dez, 2003.





CAPÍTULO 4

A MUSICALIDADE E ENSINO: UMA REFLEXÃO SOBRE O USO DE MÚSICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Elaine Neves de Araújo¹

Flávia Aparecida Barbosa²

Francisco das Chagas Pereira de Sousa³

Juliana Reis Fonseca⁴

Rosea Maria Silva⁵

DOI: 10.46898/rfb.9786558892588.4

¹ Graduada em Pedagogia pela Unopar. E-mail:elaine88neves@gmail.com

² Graduada em Pedagogia pela Unopar. E-mail:flaviabarbosamt@gmail.com

³ Graduado em Pedagogia pela Ulbra. E-mail:chagas26mt@gmail.com

⁴ Graduada em Pedagogia pela Unopar. E-mail:jufonsecamt1984@gmail.com

⁵ Graduada em Pedagogia. E-mail:silvaroseamaria@gmail.com

RESUMO

Este trabalho traz uma análise direta da aplicação da música como atividade pedagógica nos anos iniciais do ensino fundamental. Buscamos com nosso artigo, elucidar diversas pesquisas científicas e observação de vídeo aulas, onde foi possível chegar à compreensão de que a música é uma ferramenta indispensável para a evolução e desenvolvimento educacional. Pois através da música várias áreas do cérebro são trabalhadas, potencializando o desenvolvimento humano. Desse modo, com a perspectiva de ir além daquilo que já é apresentado na educação infantil, propomos e vemos como fundamental a inclusão dessa metodologia para as atividades dos anos iniciais. Para pautar nossas pesquisas, utilizamos alguns teóricos como PAZ (2000), ROSA (1990), PENNA (2008) e BRÉSCIA (2003).

INTRODUÇÃO

Através de pesquisas científicas podemos compreender que a música faz parte da vida das crianças desde muito cedo, portanto existe uma maior facilidade na compreensão de conteúdos transmitidos através de músicas e sons que estimulam o desenvolvimento dos alunos. Cujo tema é: Musicalidade nos anos iniciais.

A justificativa desse projeto se dá por entender que a música tem papel importante na educação das crianças e formação de cidadãos críticos, pois ela é uma fonte essencial para o desenvolvimento dos seres humanos, sendo assim ela auxilia no despertar de habilidades criativas, levando os alunos a desenvolver a sua criatividade, para que eles possam criar e inovar sempre que se deparar com um desafio. A musicalidade oferece uma ampliação de várias áreas da linguagem e do cérebro, potencializando o aperfeiçoamento da sensibilidade e da concentração.

Nesse sentido podemos dizer que é essencial que os professores busquem sempre desenvolver projetos voltados para essa temática, a fim de alcançar cada vez mais alunos, buscando a capacitação para transmitir o conhecimento e uma educação de qualidade. O processo de desenvolvimento será realizado durante uma semana, onde todas as atividades serão voltadas para o ensino com a musicalidade, onde terá a participação de professores e alunos, e convidados.

A avaliação será feita continuamente durante todas as atividades, onde será avaliado o desenvolvimento e interesse dos alunos pela a temática e pela a metodologia aplicada. O referencial teórico servirá para dar embasamento teórico, onde a contribuição de diversos autores será essencial para a eficácia desse projeto.

A música e suas linguagens: uma nova construção

A música é uma linguagem, traduzida em formas sonoras, que são capazes de expressar e desenvolver a comunicação através de sentimentos, sensações e pensamentos, por meio do relacionamento expressivo do silêncio e o som.

A música se faz presente em várias ocasiões, em comemorações, festas, rituais religiosos entre outros. Faz parte da educação, ao longo dos anos a música veio se tornando fundamental na formação de alunos, juntamente com a filosofia e matemática.

É importante ressaltar, que a musicalidade dentro da educação faz ligação entre os aspectos afetivos, sensíveis, cognitivos e estéticos, promovendo também uma comunicação social e interação. A linguagem musical é considerada uma forma importante da expressão humana, que justifica por si só a sua significância dentro da educação, principalmente na educação infantil.

De acordo com RCNEI (VOL3):

A música no contexto da educação infantil vem, ao longo de sua história, atendendo a vários objetivos, alguns dos quais alheios às questões próprias dessa linguagem. Tem sido em muitos casos, suporte para atender a vários propósitos, como a formação de hábitos, atitudes e comportamentos: lavar as mãos antes do lanche, escovar os dentes, respeitar o farol etc.; a realização de comemorações relativas ao calendário de eventos do ano letivo simbolizados no dia da árvore, dia do soldado, dia das mães etc.; a memorização de conteúdos relativos a números, letras do alfabeto, cores etc., traduzidos em canções. Essas canções costumam ser acompanhadas por gestos corporais, imitados pelas crianças de forma mecânica e estereotipada. Outra prática corrente tem sido o uso das bandinhas rítmicas para o desenvolvimento motor, da audição, e do domínio rítmico. Essas bandinhas utilizam instrumentos – pandeirinhos, tamborzinhos, pauzinhos etc. – muitas vezes confeccionados com material inadequado e conseqüentemente com qualidade sonora deficiente. Isso reforça o aspecto mecânico e a imitação, deixando pouco ou nenhum espaço às atividades de criação ou às questões ligadas a percepção e conhecimento das possibilidades e qualidades expressivas dos sons. (p.23, 1998)

Nesse contexto podemos afirmar que através da musicalidade os Educadores podem trabalhar de forma lúdica com temáticas diversas, visando alcançar um número cada vez maior de alunos, buscando incentivar o gosto pela a educação.

Através da dança os alunos têm a oportunidade de desenvolverem as suas capacidades motoras e trabalhar a expressão corporal. É importante que as instituições de ensino promovam os eventos de música, e teatro, para que as crianças da educação infantil despertam o interesse pela a arte, desenvolvendo assim o seu ponto crítico e se tornando cidadãos críticos.

Ainda segundo RCENEI (VOL3):

A música está presente em diversas situações da vida humana. Existe música para adormecer, música para dançar, para chorar os mortos, para conchamar o povo a lutar, o que remonta à sua função ritualística. Presente na vida diária de alguns povos, ainda hoje é tocada e dançada por todos, seguindo costumes que respeitam as festividades e os momentos próprios a cada manifestação musical. Nesses contextos, as crianças entram em contato com a cultura musical desde muito cedo e assim começam a aprender suas tradições musicais. Mesmo que as formas de organização social e o papel da música nas sociedades modernas tenham se transformado, algo de seu caráter ritual é preservado, assim como certa tradição do fazer e ensinar por imitação e “por ouvido”, em que se misturam intuição, conhecimento prático e transmissão oral. Essas questões devem ser consideradas ao se pensar na aprendizagem, pois o contato intuitivo e espontâneo com a expressão musical desde os primeiros anos de vida é importante ponto de partida para o processo de musicalização. Ouvir música, aprender uma canção, brincar de roda, realizar brinquedos rítmicos, jogos de mãos etc., são atividades que despertam, estimulam e desenvolvem o gosto pela atividade musical, além de atenderem a necessidades de expressão que passam pela esfera afetiva, estética e cognitiva. Aprender música significa integrar experiências que envolvem a vivência, a percepção e a reflexão, encaminhando-as para níveis cada vez mais elaborados. (p.11, 1998)

Baseando-se nesse contexto podemos entender que a música faz com que as crianças tenham uma experiência real de percepção e reflexão, levando esses alunos a níveis mais elevados de consciência. Existem vários estudos relacionados a música, comprovando que cada música desperta algo diferenciado no ser humano, o que você escuta está ligado com as suas reações, gostos e atitudes.

Algumas músicas podem te proporcionar um relaxamento físico e mental, outras músicas podem despertar uma disposição para se mover, algumas músicas servem para promover o conhecimento etc. Portanto os profissionais da educação devem optar pelas músicas que trazem coisas boas para os alunos e principalmente que tragam o conhecimento, para que essas crianças entendam a música em todas as suas formas e possam decidir qual o tipo de som, é mais significativo para a sua vida.

No entanto os alunos devem ter a liberdade para descobrirem os seus gostos musicais e os Educadores devem respeitar a familiarização que eles desenvolverem pela a música até o momento.

Segundo PAZ (2000):

[...] O ensino de música deve ser, desde o começo, uma força viva. [...] a criança, muito antes de dominar as regras gramaticais, utiliza palavras com fluência e formula frases já com entonação. A linguagem é, para ela, uma coisa viva e, não, regras no papel. Deve-se educar o ouvido para que sejam sentidas, perfeitamente, modulações e combinações sonoras diversas. Deve-se deixar o aluno perceber a harmonia com seu próprio ouvido, antes de se deparar com o ensino da mesma.

O conhecimento das regras não deve ser o objeto e, sim, uma necessidade a ser atendida em tempo devido. [...]. (PAZ, 2000 p.16 e 17).

Em se tratando dos instrumentos musicais, eles também são muito importantes para a formação dos alunos da educação infantil, dessa forma os Educadores podem trabalhar com a coordenação motora, percepção auditiva, desenvolvendo dessa forma a autonomia dessa criança. Pois ele se sentirá livre para escolher o tipo de instrumento que gosta de tocar e poderá desenvolver todo o seu potencial artístico.

De acordo com ROSA (1990, p 22-23):

A linguagem musical deve estar presente nas atividades [...] de expressão física, através de exercícios ginásticos, rítmicos, jogos, brinquedos e roda cantadas, em que se desenvolve na criança a linguagem corporal, numa organização temporal, espacial e energética. A criança comunica-se principalmente através do corpo e, cantando, ela é ela mesma, ela é seu próprio instrumento.

Além de canto as crianças desde muito pequenas tem o interesse pelos os instrumentos musicais, procurando compreender como eles funcionam e que de forma é produzido o som. O incentivo pelos os instrumentos musicais podem vir por familiares que tocam, pelas as cantigas de ninar, vídeos musicais entre outros.

A partir do primeiro contato com a música as crianças em sua maioria despertam um grande interesse pelos os sons, procurando eles mesmos reproduzirem os sons através de instrumentos musicais de brinquedo ou até mesmo de objetos que emitem sons, desse modo essas crianças desenvolvem vários sentidos, a audição se destaca mais e essas crianças vão desenvolvendo as suas preferências musicais.

Geralmente a preferência pelas as músicas oferecidas pela a mídia, chama mais atenção, mas as crianças são receptivas a desenvolverem gosto por vários estilos e gêneros musicais, contando que tenham a oportunidade de conhecer.

É importante oferecer, também, a oportunidade de ouvir música sem texto, não limitando o contato musical da criança com a canção que, apesar de muito importante, não se constitui em única possibilidade. Por integrar poesia e música, a canção remete, sempre, ao contexto da letra, enquanto o contato com a música instrumental ou vocal sem um texto definido abre a possibilidade de trabalho com outras maneiras. As crianças podem perceber sentir e ouvir, deixando-se guiar pela sensibilidade, pela imaginação e pela sensação que a música lhes sugere e comunica. Poderão ser apresentadas partes de composições ou peças breves, danças, repertório da música chamada descritiva, assim como aquelas que foram criadas visando a apreciação musical infantil (RCNEI, 1998, p.65).

Nesse momento entra a parte do Educador, que deve introduzir vários estilos musicais e estímulos através dos sons, para que eles alunos tenham a oportunidade de conhecerem mais sobre o universo musical. Esses profissionais devem buscar

sempre adaptarem métodos de ensino através da musicalidade, desenvolvendo atividades e projetos para alcançar o objetivo desejado.

De acordo com JEANDOT (1990):

Todos nós ouvimos a música de acordo com nossas aptidões, variáveis, sob certo aspecto, em três planos distintos: sensível, expressivo e puramente musical, o que corresponde a ouvir, escutar e compreender. Essa é a razão pela qual o professor deve respeitar o nível de desenvolvimento em que a criança se encontra, adaptando as atividades de acordo com suas aptidões e de seu estágio auditivo (COPLAND apud JEANDOT, 1990, p.22).

Portanto os Educadores devem perceber o gosto de cada criança, e a partir de aí introduzir as atividades musicais, para que eles possam conhecer novos estilos de música.

A audição pode ser mais trabalhada, com diversos detalhes, observando e acompanhando o desenvolvimento da capacidade de concentração e atenção das crianças. Algumas atividades como aprender uma canção, ouvir música, brincar de roda, jogos de mão ou brinquedos rítmicos despertam o gosto pela as atividades musicais, atendendo as necessidades de expressão cognitiva e afetiva.

Através desse contato a música assume diversos significados em cada cultura, cada pessoa tem um gosto musical diferenciado, algumas pessoas se interessam mais e outras menos.

Segundo PENNA (2008):

[...] uma linguagem cultural, consideramos familiar aquele tipo de música que faz parte de nossa vivência; justamente porque o fazer parte de nossa vivência permite que nós nos familiarizemos com os seus princípios de organização sonora, o que torna uma música significativa para nós. (p. 21).

Nesse sentido, a partir desses padrões as pessoas se acostumam, com os vínculos familiares, tradições, costumes, locais entre outros. Portanto o que a música representa para as crianças nas suas primeiras experiências está diretamente ligada ao que representa para os seus familiares.

Ainda de acordo com a PENNA (2008).

[...] a compreensão da música, ou mesmo a sensibilidade a ela, tem por base um padrão culturalmente compartilhado para a organização dos sons numa linguagem artística, padrão este que, socialmente construído, é socialmente apreendido – pela vivência, pelo contato cotidiano, pela familiarização – embora também possa ser aprendido na escola. (PENNA, 2008, p. 29).

Os pais geralmente não demonstram muito interesse em ensinar sobre a música para os seus filhos, com exceção de pais que são ligados a uma cultura musical,

pais que cantam, tocam, produzem ou tem um interesse maior pela a música em si. A maioria dos pais acha mais fácil que seus filhos conheçam a música pelas as mídias, e utilizando recursos tecnológicos, isto não é algo ruim, no entanto pode limitar o aprendizado dessas crianças, a serem apenas espectadores e não participantes do universo musical.

Desse modo é de suma importância que se estabeleça na escola uma aproximação com a música em suas várias formas, pois o ensino musical nas instituições de ensino, principalmente na educação infantil, contribui não só para se obter uma formação musical nas crianças, mas é uma ferramenta de extrema eficiência para a formação social. Portanto o âmbito escolar promove uma relação social de amizade, respeito e cooperação, bem como uma reflexão necessária e importante para o desenvolvimento e formação humana.

De acordo educador musicais Hentschke e Del Ben (2003), auxiliar crianças, adolescentes e jovens no processo de apropriação, transmissão e criação de práticas músico-culturais como parte da construção de sua cidadania. O objetivo primeiro da educação musical é facilitar o acesso à multiplicidade de manifestações musicais da nossa cultura, bem como possibilitar a compreensão de manifestações musicais de culturas mais distantes. Além disso, o trabalho com música envolve a construção de identidades culturais de nossas crianças, adolescentes e jovens e o desenvolvimento de habilidades interpessoais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas contribuições dos autores e das colocações mencionadas durante toda essa produção textual, a respeito da música e da sua importância para a educação nos anos iniciais, podemos concluir que esta é benéfica para o aprendizado e desenvolvimento infantil, pois demonstra que está educação caminha por momentos de crescimento, o que realmente acaba por ensinar diversas maneiras de agir em frente às diversas situações e circunstâncias vivenciada no cotidiano. Seguindo essa linha de pensamento podemos dizer que a música pode ser trabalhada na educação infantil, e durante toda a vivência escolar dos alunos.

Esse projeto nos trouxe uma reflexão a respeito das colocações educacionais musicais, nos possibilitando compreender que a utilização da música é sala, pode ensinar os alunos a aprenderem sobre as normas sociais, bem como compreender sobre as normas que precisam serem cumpridas para que possam ter uma convivência harmônica dentro do espaço social em que se encontraram inseridas.

Nesse sentido concluímos que é possível chegar a esse entendimento, pelo o motivo de que a música se encontra em vários ambientes, possibilitando assim as crianças darem continuidade ao aprendizado que foi iniciado em sala de aula.

Por fim, podemos concluir que a elaboração desse projeto trouxe bastante conhecimento e contribuiu significativamente para a compreensão da importância da música para a formação do ser humano. As pesquisas científicas, contribuições teóricas dos autores e os materiais disponibilizados para estudo, foram importantes para que a aprendizagem através desse projeto fosse significativa.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Lei de **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Nº 9.394 de 20 de
- BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, v. 3. Conhecimento de Mundo. MEC/SEF, 1998.
- BRÉSCIA, Vera Pessagno. **Educação musical: bases psicológicas e ação preventiva**. Campinas: Átomo, 2003. Editora Brasil. Dezembro de 1996. Editora do Brasil.
- FONTEERRADA, Marisa, Trench, Oliveira. **De tramas e fios – Um ensaio sobre música e educação**. São Paulo: Editora UNESP. 2005.
- GAINZA, Violeta Hemsy de. **Estudos de psicopedagogia musical**. [Tradução de Beatriz A. Cannabrava]. 2.ed. São Paulo: Summus, 1988. vol. 31.
- JEANDOT, Nicole. **Explorando o universo da música**. 16 ed. São Paulo: Scipione, 1990.
- JOLY, Elza, Zene, Leme, (2003). **Educação e educação musical: conhecimentos para compreender a criança e suas relações com a música**. In: _____. HENTSCHKE, L;
- DEL BEN, L. (Orgs.). **Ensino de música: propostas para pensar e agir em sala de aula**. São Paulo: Ed. Moderna. Cap. 7.
- NOGUEIRA, M.A. **A música e o desenvolvimento da criança**. Revista da UFG,
- PAZ, Ermelinda A. **Pedagogia musical brasileira no século XX: metodologias e tendências**. Brasília: MusMed, 2000.
- PENNA, Maura. **Música (a) e seu ensino**. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- ROSA, Nereide Schilaro Santa. **Educação musical para a pré-escola**. São Paulo: Ática, 1990.
- SNYDERS, Georges. **A escola pode ensinar as alegrias da música?** 3º ed. São Paulo: Cortez, 1997

CAPÍTULO 5

OS RECURSOS TECNOLÓGICOS DIGITAIS OFERECIDOS PELA UNEMAT- BARRA DO BUGRES NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DA LICENCIATURA EM MATEMÁTICA

Aurinete Vieira Lima da Fonseca¹
Francisco das Chagas Pereira de Sousa²
Selma Maria Silverio da Silva Cabral³
Zezito Gomes de Medeiros⁴

DOI: 10.46898/rfb.9786558892588.5

¹ Graduada em Pedagogia. E-mail: chagas26mt@gmail.com

² Graduado em Pedagogia. E-mail: chagas26mt@gmail.com

³ Graduada em Pedagogia. E-mail: selmasilveriosilva@gmail.com

⁴ Graduado em Matemática. (In Memoriam)

O presente artigo tem por finalidade analisar os recursos das tecnologias digitais na formação inicial, no PPC do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, Campus de Barra do Bugres. Com essa pesquisa, propomos uma análise do curso de matemática, de maneira a compreender a formação dos novos licenciados, bem como as maneiras em que as tecnologias digitais são incluídas no curso, de maneira a potencializar a formação do profissional e propiciar posteriormente uma melhor qualidade em seu trabalho, refletindo diretamente no ensino e na aprendizagem de seus futuros alunos. Para tanto, utilizaremos alguns teóricos que nos auxiliarão na pesquisa, tais como BORBA (2018), KENSKY (2012) e BRAGAGNOLLO (2020).

PALAVRAS - CHAVE: Formação de professores. Ensino-aprendizagem. Tecnologia

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo: analisar os recursos das tecnologias digitais na formação inicial, no PPC do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, Campus de Barra do Bugres.

Na realização deste estudo, analisamos o (PPC) do curso de matemática a Resolução de 2002 e o Decreto nº 8.752 de 09 de maio de 2016, que dispõe a Política Nacional de Formação dos Profissionais da Educação Básica sobre formação de professores no que diz respeito ao uso das tecnologias digitais no ensino de matemática.

Na educação brasileira vivenciamos um encontro de leis que se manifestam como cumprimento ao ensino e aprendizagem do nosso país ao refletirmos sobre: o Decreto e Resoluções que tratam da Política Nacional, Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica, Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior, Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de professores indígenas em cursos de Educação Superior e de Ensino Médio e outras providências, Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação) entre outros.

Por meio desses estudos voltados para a formação e profissionalização docente, podemos salientar que o sistema educacional brasileiro está bem amparado com as leis que o regem e cumprem uma função ideológica na sociedade, porém isso não

significa que seja usada exclusivamente em benefício da classe social privilegiada haja vista que em muitos momentos da história do sistema educacional a lei serviu como elemento de luta contra os privilégios, a qual lei é um componente central na luta pela hegemonia, principalmente numa sociedade democrática.

Nesse contexto, ao falarmos em sociedade moderna e democrática, pensamos também nessa sociedade atual que vive em uma era tecnológica, nesse ponto é indispensável que o professor na sua formação inicial adquira conhecimentos tecnológicos, tanto como conheça a vivência de seus alunos para utilizar a tecnologia no ensino com significado para o ambiente que o aluno vive, e com isso o professor precisa de uma formação pautada em um ensino que institui a tecnologia como um apoio eficaz na aprendizagem do aluno.

Na perspectiva para desenvolver esse artigo buscamos refletir sobre o problema elencado nesta pesquisa: Quais os recursos tecnológicos digitais a UNEMAT em Barra do Bugres oferece na formação inicial de professores da licenciatura em matemática?

Nesse contexto podemos dizer que os recursos tecnológicos precisam ser contemplados desde o início da formação do professor, pois hoje estamos na era tecnológica, onde o aluno está sempre ligado com esse meio. Mediante isso Borba (2018, p. 137) pontua que “tentamos ver a tecnologia como uma marca de nosso tempo que constrói e é construída pelo ser humano”. Desta maneira, professor e aluno participam desse processo de construção, do novo aprender juntos.

Ao pensarmos em tecnologia digital em sala de aula, Kenski (2012, p. 46) diz que “Não basta usar a televisão ou o computador, é preciso saber usar de forma pedagogicamente correta a Tecnologia escolhida”. Com isso, pressupomos que a inserção das Tecnologias no desenvolver das aulas, que pode contribuir para o aprendizado dos alunos, é minimamente necessário observar se as escolhas de tais Tecnologias estão de acordo com os objetivos da aprendizagem.

Para atingirmos o objetivo da pesquisa trabalhamos metodologicamente com a pesquisa documental com leitura, reflexões e análises de forma descritiva do PPC do curso de Licenciatura em Matemática (UNEMAT) Campus de Barra do Bugres.

ANÁLISE E DISCUSSÕES DOS DADOS

Com a leitura e análise do PPC – UNEMAT (2013) Campus Barra do Bugres, podemos destacar que na estrutura física disponível para o curso de licenciatura em matemática possui um laboratório de ensino da matemática, organizado, equipado

e estruturado para atender as atividades práticas que segundo consta no PPC é constante na disciplina como forma de apoio na graduação. Esse laboratório contribui com atividades de pesquisa em extensão realizados pelos professores, alunos graduando, abre espaço também para alunos do ensino básico municipal, estadual e particular da região, sendo esse um ambiente de aprendizagem de grande importância para o projeto pedagógico do curso, pois nele está pautado a prática como componente curricular.

Ao analisarmos o Projeto Pedagógico (PPC), vimos que segue a Legislação Nacional e as Diretrizes Curriculares Nacionais, para a formação de professores em nível superior, tendo em sua matriz curricular disposta para no mínimo de 2.800 horas, mas no curso de licenciatura em matemática a carga horária é de 3110 horas, sendo distribuída da seguinte forma: Em sala de aula 1740, prática de componente curricular 405, laboratório 225, em campo 285, a distância 255, com o total de 2910, com mais 200 horas de atividades complementares totalizando 3110 horas de curso.

Ao analisarmos a matriz curricular verificamos a oferta de 225 horas no laboratório, ao relacionarmos com as demais horas correspondentes a outras atividades na matriz, essas são contempladas com maior carga horária.

Conforme a distribuição da matriz curricular, identificamos que o componente curricular relacionado às tecnologias digitais na formação inicial do professor de matemática não contempla tal formação, mesmo com existências dos laboratórios de matemática, estatística, física e modelagem científica, esses laboratórios são equipados com softwares direcionados para algumas aplicações como: cálculos, física, entre outros,. Porém não consta no PPC conforme analisamos a distribuição por aulas.

Como afirma Bragagnolo *et al.* (2020) “em 2012, o Ministério da Educação (MEC) juntamente com Conselho Nacional de Educação (CNE) elaboraram as Diretrizes Curriculares Nacionais para Cursos de matemática (DCNCM)”, conforme as autoras supracitadas acima, estas características que orientam as Instituições de Ensino Superior e ofertam os cursos de Bacharelados ou Licenciaturas em matemática, deveriam estar contemplando nos seus Projetos Pedagógicos de Curso.

Nesse contexto da formação inicial do professor de matemática, ancoramos nas ideias de Bragagnolo *et al.*(2020):

Desde o início do curso o licenciando deve adquirir familiaridade com o uso do computador como instrumento de trabalho, incentivando-se sua utilização para o ensino de matemática, em especial para a formulação e solução de problemas. É importante também a familiarização do licenciando, ao longo do curso, com

outras Tecnologias que possam contribuir para o ensino de matemática (BRAGAGNOLO *et al* 2020, p. 6).

O curso tem como proposta formar professor de matemática que possa dialogar com as várias áreas de conhecimento, saberes, ter competência, ser dinâmico, pesquisador e investigador no processo de ensinar como de aprender. Ensinar dispõe de conhecimento e saber, e o professor precisa estar pronto para a ação e compreender o processo de construção do conhecimento.

Como vimos no PPC - UNEMAT Campus Barra do Bugres, a estrutura laboratorial é ótima e segundo consta no PPC, corresponde com atendimento de toda clientela. Dessa forma indagamos que os professores estão com uma infraestrutura adequada, mas não podemos confirmar se está sendo utilizada de forma adequada, ou seja, para a formação inicial desse professor que seja consciente do uso dessas tecnologias como apoio para aprender e ensinar de forma prazerosa e eficaz.

Seguindo o decreto nº 8.752 de 09 de maio de 2016, onde assegura a promoção e atualização profissional do professor, referindo ao uso das tecnologias no processo educativo. Dessa forma podemos salientar que os professores possam sentir-se seguros para o uso das tecnologias em orientar seus alunos, sendo necessário uma reorganização de suas práticas, na qual poderá refletir na aprendizagem dos mesmos.

PROPOSTAS

Ao analisarmos os documentos supracitados no artigo, conclui-se que a formação inicial precisa passar por algumas mudanças, assim, sugerimos como proposta de melhorias na formação inicial de professores de matemática a inclusão das tecnologias digitais como possibilidades de um ensino inovador seguem as propostas em tópicos:

A formação inicial precisa contemplar no curso de licenciatura em matemática um laboratório equipado com softwares para o ensino de matemática e professores capacitados para o uso e manuseio destes recursos.

Sugerimos que no PPC do curso de licenciatura em matemática, bem como na matriz curricular seja oferecida uma carga horária que contemplem desde o início da formação, aulas direcionadas com tecnologias digitais voltadas para o cotidiano da sala de aula.

A formação inicial dos professores de matemática precisa contemplar uma carga horária implementada aos estágios que unifique a teoria/prática com uso das

tecnologias digitais no ensino de matemática, com uso de softwares e plataformas digitais, de tal forma que busque a melhoria da formação inicial.

CONCLUSÃO

Concluimos que Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT Campus de Barra do Bugres (PPC) no que se refere as tecnologias digitais, pontua que em questão da infraestrutura é ótima e atende professores, alunos graduando, abre espaço também para alunos do ensino básico municipal, estadual e particular da região.

Nesse sentido, entendemos que ainda há fragilidades, não possui na grade curricular horas que contemplem a formação inicial do professor de matemática com o uso das tecnologias digitais como apoio para aprender e ensinar de forma prazerosa e eficaz. Perante isso, acreditamos que esses desafios podem ser solucionados, pois estamos cada dia mais dependentes das tecnologias digitais em sala de aula e com isso as universidades se sentirão na responsabilidade de reformular seus Projetos Pedagógico do Curso (PPC), voltando assim para uma formação inicial de professores com o contato com a máquina digital desde o início do curso de graduação.

REFERÊNCIAS

BORBA, Marcelo de Carvalho, et al. **Fases das tecnologias digitais em Educação Matemática: sala de aula e internet em movimento**. Marcelo de Carvalho Borba, Ricardo Scucuglia R. da Silva, George Gadanidis. – 2 ed – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

BRASIL. Decreto Nº 8.752, DE 9 DE MAIO DE 2016 Dispõe sobre a **Política Nacional de Formação dos Profissionais da Educação Básica**

KENSKY, Vani. **Educação e Tecnologias: O novo ritmo da informação**. Campinas, Papirus, 2012.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO. **Projeto pedagógico do curso de licenciatura em plena em matemática. Barra do Bugres: Unemat, 2018**. Disponível em: Acesso em 10 de janeiro. 2021.

BRAGAGNOLLO, et al. **Tecnologias Digitais na Licenciatura em Matemática: Outro Zoom**. ISSN 2359-2842 Volume 13, número 33 – 2020 DOI: 10.46312/pem.v13i33.10573

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alfabetização 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27

B

Brincadeiras 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 34

C

Criança 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 22, 25, 31, 32, 33, 34, 36, 42, 43, 44, 46

D

Desenvolvimento 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 22, 23, 25, 35, 40, 41, 44, 45, 46

E

Ensino 9, 12, 13, 14, 17, 18, 20, 21, 22, 24, 28, 30, 31, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 55

F

Formação 9, 13, 15, 17, 22, 25, 26, 35, 36, 40, 41, 43, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 52

J

Jogos 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 24, 34, 35, 42, 43, 44

L

Letramento 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28

M

Matemática 41, 48, 49, 50, 51, 52

Música 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46

P

Práticas 9, 12, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 45, 50, 51

Processo 12, 13, 16, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 31, 34, 40, 42, 45, 49, 51

Q

T

Tecnologias 20, 24, 25, 26, 27, 28, 48, 50, 51, 52

SOBRE OS AUTORES

MACIEL DA PAIXÃO BORGES – Graduado em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Especialista em Educação de Jovens e Adultos e Literatura Infantil, mestrando em Estudos Literários. Atualmente trabalha como professor da educação básica na rede estadual e municipal de ensino.

ELIZAMA LEITE DE ALMEIDA MARTINS – Graduada em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Especialista em Gestão Escolar, mestre em Estudos Literários. Atualmente trabalha como professora da educação básica na rede estadual e municipal de ensino.

LARISSA CARLA DORTA DE OLIVEIRA. Graduada em Pedagogia pela Universidade Pitágoras Unopar. Atualmente trabalha como professora da educação básica na rede municipal de ensino.

JULIANA REIS FONSECA. Graduada em Pedagogia pela Universidade Pitágoras Unopar. Atualmente trabalha como professora da educação básica na rede municipal de ensino.


ELAINE NEVES DE ARAÚJO. Graduada em Pedagogia pela Universidade Pitágoras Unopar. Atualmente trabalha como professora da educação básica na rede municipal de ensino.

JESSICA DE LIMA NEVES: Graduada em Pedagogia pela Universidade Pitágoras Unopar. Atualmente trabalha como professora da educação básica na rede municipal de ensino.

SUELI DE SOUZA SANTOS - Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso. Atualmente trabalha como professora da educação básica na rede estadual e municipal de ensino.

LETÍCIA MARTINS DE JESUS - Graduada em Pedagogia pela Universidade Pitágoras Unopar. Atualmente trabalha como professora da educação básica na rede municipal de ensino.

ROSANA ALVES - Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso. Atualmente trabalha como professora da educação básica na rede estadual e municipal de ensino.



FLÁVIA APARECIDA BARBOSA - Graduada em Pedagogia pela Universidade Pitágoras Unopar. Atualmente trabalha como professora da educação básica na rede municipal de ensino.

FRANCISCO DAS CHAGAS PEREIRA DE SOUSA - Graduada em Pedagogia pela Universidade Luterana do Brasil - ULBRA. Atualmente trabalha como professor da educação básica na rede estadual de ensino.

ROSEA MARIA SILVA - Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso. Atualmente trabalha como professora da educação básica na rede estadual e municipal de ensino

LUDIMILA NERES COSTA REIS - Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Mato Grosso. Atualmente trabalha como professora da educação básica na rede municipal de ensino.

OMAR GONÇALVES FORTES - Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso. Atualmente trabalha como professor da educação básica na rede municipal de ensino.

SARA GABRIELE ALVES MONTEIRO - Graduada em Pedagogia pela Universidade de Cuiabá. Atualmente trabalha como professora da educação básica na rede municipal de ensino.

AURINETE VIEIRA LIMA DA FONSECA - Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso. Atualmente trabalha como professora da educação básica na rede estadual de ensino.

SELMA MARIA SILVERIO DA SILVA CABRAL - Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso. Atualmente trabalha como professora da educação básica na rede estadual de ensino.

ZEZITO GOMES DE MEDEIROS - Graduado em Matemática pela Universidade Estadual de Mato Grosso. **IN MEMORIAN*

TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS



ESTUDOS E PRÁTICAS DA EDUCAÇÃO

RFB Editora
Home Page: www.rfbeditora.com
Email: adm@rfbeditora.com
WhatsApp: 91 98885-7730
CNPJ: 39.242.488/0001-07
Av. Augusto Montenegro, 4120 - Parque Verde,
Belém - PA, 66635-110

